

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR BRASILEIRO

OLIVEIRA, Carlos Roberto.

Curso de Licenciatura em Letras

Centro Universitário Internacional Uninter

CORBANI, Clair Terezinha ¹

Professora Orientadora

RESUMO

Diante da realidade vigente em que o Brasil se encontra, nota-se o quanto o papel do profissional professor é importante para a sociedade, pois o mesmo é facilitador do processo de ensino e aprendizado. O presente artigo trata-se de uma revisão da literatura, onde foram utilizados artigos referentes ao tema em questão, tendo como base de dados a Scientific Eletronic Library Online (Scielo®) e Google Acadêmico®, por serem ferramentas de pesquisa e publicações gratuitas. O objetivo principal desse trabalho é abordar questões que envolvem a tradição pedagógica que prioriza o ensino da norma padrão nas escolas ignorando assim a variação que o aluno já domina. Nesse sentido, é importante ressaltar, o quanto esse trabalho é importante para o contexto educacional bem como para a sociedade, visto que, é por meio do professor que há aprendizado e consequentemente desenvolvimento social.

Palavras-chave: Escola. Aprendizado. Linguística

1. INTRODUÇÃO

A variação linguística no contexto escolar Brasileiro é algo notório, visto que, o Brasil tem uma vasta dimensão cultural. Neste sentido, o professor tem uma grande responsabilidade em entender essa realidade tão vigente em nosso País.

O trabalho com a variação linguística, sem dúvida, é um dos maiores desafios no ensino de língua materna, além das normas da língua inscritas na gramática que devem estar presentes na sala de aula. O espaço escolar reflete as múltiplas realidades brasileiras por meio de todas as suas formas de expressões culturais, sobretudo, a produtiva harmonia de diversas variações linguísticas (SOUZA, et al, 2017, p. 1573).

¹ Orientadora. Possui graduação em Letras – Inglês, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR); Especialização em Magistério da Educação Básica, Interdisciplinaridade na Escola, pelo Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão (IBPEX); Especialização em Educação de Jovens e Adultos (EJA), pelo Centro Universitário Curitiba, (UNICURITIBA); Especialização em Educação a distância com ênfase na formação de tutores, pelas Faculdades São Braz (SÃO BRAZ). Professora do Centro Universitário Internacional UNINTER.

A linguagem configura-se um meio de comunicação mais usado em todas as regiões e culturas. É por meio da linguagem que as pessoas se comunicam e verbalizam o que sentem. É por meio dessa expressão que o sujeito determina sua identidade, bem como o seu lugar no território em que vive.

Não há uma língua considerada homogênea, deste modo, não existem fronteiras entre a linguagem e o seu uso. É nessa perspectiva que a Variação linguística atua, ela vem tratar dessas modificações que ocorrem na língua ao longo do tempo e da particularidade de cada comunidade em relação a sua forma de se comunicar oralmente, podendo ser percebidas através de vários aspectos, como regionalidade, nível de escolaridade, questões econômicas, sexo, etc (SANTOS e SANTANA, 2017, p.214).

“É sabido que linguagem e sociedade não se separam, visto que a espécie humana habita em um mundo onde as pessoas se organizam em comunidades e que existe uma única forma de comunicação oral para todos: a língua” (SANTOS e SANTANA, 2017, p. 210).

De acordo com Souza, et al, (2017, p. 1574) “um dos bens mais preciosos do povo é a sua língua, pois é por meio dela que todas as construções e representações de uma sociedade são reproduzidas”.

Referente a este assunto, para Rezende e Lima (2018, p.2)

A língua configura um dos bens mais preciosos de um povo. Assim, é pela língua que as relações de poder e dominação se constituem. Ou seja, por meio da língua o sujeito determina seu lugar na sociedade, pois ela tem o poder de incluir ou excluir.

Neste sentido, este trabalho torna-se relevante para os dias atuais, tanto no que se refere ao âmbito social, bem como para o aspecto científico, e acadêmico, pois vem desmistificar toda a concepção errônea referente à variação linguística no contexto escolar brasileiro.

Ponto importante a ser destacado, diz respeito à necessidade em investir em mais pesquisas voltadas para esse tema proposto, ao passo que também carece de ações mais efetivas e articuladas entre os profissionais, visando um trabalho multi e interdisciplinar direcionado ao público alvo dessa pesquisa.

Dessa feita, o tema em questão está em considerar os aspectos das variações linguísticas dentro do contexto escolar brasileiro, bem como reconhecer o papel do

professor em sala de aula, uma vez que ele se torna responsável pela formação do senso crítico do aluno em relação às diferentes formas linguísticas presentes no ambiente escolar. Neste sentido, podemos nos perguntar: quais são os desafios enfrentados pelo docente para ensinar a gramática normativa levando em consideração as variações linguísticas nas escolas brasileiras?

Assim, este trabalho tem como objetivo principal abordar questões que envolvem a tradição pedagógica que prioriza o ensino da norma padrão nas escolas ignorando assim a variação que o aluno já domina. Ao passo que os objetivos específicos buscam destacar o papel do professor como agente transformador no processo de ensino-aprendizagem; e ao mesmo tempo, analisa os desafios enfrentados pelo docente no ensino da gramática levando em consideração as variações que existem na língua.

2. A Variação Linguística no contexto escolar brasileiro

O Brasil é formado por diversas raças e povos, logo torna-se impossível pensar em uma língua única. Com isso, é preciso considerar as diversas formas e variantes, visto que a língua é uma entidade viva e dinâmica. Desse modo, a escola não pode ser entendida como um local onde se acumulam conhecimentos, mas como um ambiente que possibilita a reflexão. O professor deve atuar como mediador da aprendizagem, respeitando e interagindo com as diferenças étnicas, culturais, sociais e, até mesmo, econômicas dos alunos (REZENDE e LIMA, 2018, p. 2).

Em consonância ao que está sendo dito, falar em variação no âmbito escolar requer vários posicionamentos em relação ao assunto. Diante dessa realidade, se faz necessário investigar o ensino de variação linguística dentro do contexto de sala de aula, bem como o posicionamento do professor frente a esta realidade, pois muita das vezes é um grande desafio ter que lidar com essa situação.

A variação faz parte da língua e precisa ser respeitada. Ainda que exista um variante padrão que é ensinado nas escolas e que está bastante associada com a escrita, é necessário entender que os dialetos não estão relacionados com o erro e, menos ainda, com prejuízos que a língua possa vir a sofrer. Portanto, não há variante melhor ou pior do que outra, mas, sim, variantes diferentes, que variam de acordo com o contexto em que são usadas (REZENDE E LIMA, 2018, p. 1).

Os autores supracitados comentam ainda que é de suma importância considerar a linguagem que o aluno trás de casa, visto que, é por meio dessa linguagem que é estabelecido a comunicação entre aluno e professor. O professor por

sua vez, deve respeitar a linguagem do aluno, não desprezando, mas adaptando para que o aluno esteja mais e mais verbalizando a linguagem padrão e socialmente aceitável (REZENDE e LIMA, 2018).

A língua tem o poder de inserir ou excluir o indivíduo da sociedade. Sendo assim, em meio as suas diferentes formas, a língua é heterogênea, variável, está em constante mudança e é utilizada pelos indivíduos como um código para se comunicarem, obter e passar informações. Dessa forma, vários fatores influenciam a variação da língua, como os aspectos econômicos, sociais, geográficos e culturais (SOUZA, et al, 2017, p. 1575).

Deste modo, é perceptível, dentro desse contexto, a responsabilidade do docente em ensinar essas variações, de modo que o aluno também consiga enxergar a importância da gramática para a aquisição dos seus conhecimentos sobre língua (SANTOS e SANTANA, 2017, p. 214).

Referente a este assunto, Camacho (2008, p. 211) expõe uma possível solução, de acordo com seu ponto de vista, em relação ao ensino de língua materna. Para ele, é preciso conscientizar o aluno de que existe uma norma padrão, mas o que é, de fato, importante é saber adequar a sua fala a diferentes contextos e às circunstâncias do processo de comunicação.

Para Santos e Santana (2017, p. 212) “É nessa perspectiva que o docente deve atuar como agente transformador e fazer a diferença nesse processo de ensino-aprendizagem, uma vez que a sua postura e a metodologia aplicada em sala de aula irão refletir, diretamente, no processo de formação dos alunos”.

Diante do que vem sendo dito, é de suma importância destacar, o quanto é desafiador para o professor de sala de aula ter que lidar com diferentes culturas e linguagens, visto que, existe um padrão de linguagem social aceitável, mas ao mesmo tempo uma variação que tem que ser entendida e respeitada.

Em suma, o que se espera é que a escola dê mais ênfase à variação linguística e que seus alunos consigam identificar essas variações, visto que essas diferenças podem ser observadas entre as classes sociais, idades, regiões e até mesmo, em diferentes situações de interação comunicativa. Sendo assim, a questão não é substituir uma língua por outra e sim, respeitar e reconhecer as diversas variações linguísticas existentes (SOUZA, et al 2017, p. 1577).

Em consonância ao que está sendo dito, de acordo com Santos e Santana (2017, p. 214), “percebe-se que, apesar de o professor tentar assumir uma nova postura diante das práticas de ensino/aprendizagem, esse docente ainda se depara

com muitos desafios em relação a melhor metodologia ou forma de abordagem de um determinado assunto”.

Conforme declara Rezende e Lima (2018, p. 3).

Educar, hoje, não é uma tarefa fácil, mas um desafio para muitos docentes. Com as mudanças na sociedade, surge a necessidade de uma escola reflexiva, preocupada com a formação de cidadãos. Nota-se que o cenário social é marcado pela competição, com isso, os métodos de ensinar e aprender precisam ser revisados.

Nesta lógica de pensamento, cabe ao profissional educador, incentivar o aluno a desempenhar suas habilidades e talentos não só dentro de sala de aula, mas, sobretudo no contexto social em que o mesmo habita.

O papel da escola e do docente, nessa prática de ensino, não é, então, substituir uma Língua por outra, mas sim conscientizar os alunos das diferenças linguísticas existentes e ensiná-los a adequar os seus discursos, sejam eles escritos ou falados ao contexto vivido no momento, tendo em vista também a quem se destinará o seu enunciado (SANTOS e SANTANA, 2017, p. 215).

Assim, fica evidente que é compromisso de todos os envolvidos a responsabilidade em relação ao exercício do desenvolvimento intelectual e social do aluno, não cabendo somente ao professor esse papel, mas a sociedade e a família desse aluno, bem como o contexto educacional em que o mesmo está inserido.

[...] “é responsabilidade da escola não só ensinar a norma culta, mas também abordar a existência das variedades linguísticas e das variantes adquiridas pelo aluno no seu meio, na sua família, dentre outros. Em suma, o papel da escola relacionado ao ensino de língua materna é oferecer condições para que o aluno desenvolva sua competência comunicativa” (SOUZA, et al, 2017, p. 1574).

Os autores comentam ainda que, é na escola que o aluno entra em contato direto com as normas padrão estabelecida pela a sociedade, é por meio da escola também, que o aluno reflete sobre o seu papel social bem como a construção dos sentidos (SOUZA, et al, 2017).

Em suma, a escola e os professores devem promover a realidade linguística de seus alunos. Os livros didáticos devem promover o conhecimento de todas as formas da língua, sem enaltecer a norma-padrão como o ideal a ser usado. Vivemos num país multifacetado, com diversas culturas, logo, a língua não poderia ser apenas uma. Nossa língua vem mudando desde sempre e

continuará se modificando com o passar do tempo, pois ela dinâmica, viva, produto de uma civilização. Enfim, neste processo de ensino-aprendizagem a abordagem a ser realizada não é a do erro, mas a da utilização adequada da linguagem de acordo com a situação. Além disso, a sociolinguística educacional pressupõe que a formação do professor dos anos iniciais aborde o conceito e as questões de gramática considerando o que aluno já traz consigo quando chega à escola: o conhecimento internalizado sobre a língua em uso (SOUZA, et al, 2017, p. 1585).

Assim, fica evidente que é papel de cada profissional possibilitar a construção social do aluno, visto que, a família e sociedade também são responsáveis na construção dessa formação.

3. VISÃO MULTIDISCIPLINAR NA EDUCAÇÃO

Diante da realidade vigente onde as pessoas não são observadas mediante a sua realidade como um todo, faz-se necessário, que o profissional da educação passe a perceber cada aluno diante de sua integralidade, e não de maneira fragmentada e reducionista.

Outro ponto importante a ser mencionado, diz respeito ao trabalho unificado entre professor e outros profissionais, para que assim, os alunos sejam contemplados diante de suas necessidades. Em consonância com este assunto, e como forma de complementaridade, na concepção de Zanchetti e Dallacosta (2015, p. 147) “Os membros da equipe devem articular as suas práticas e saberes no enfrentamento de cada situação identificada para propor soluções conjuntamente e intervir de maneira adequada já que todos conhecem a problemática”.

“O que se busca é a superação da fragmentação do conhecimento, reconhecendo e respeitando as especificidades de cada área profissional. Facilitando assim os enfrentamentos profissionais e a assistência humanizada e cidadã que contribui para melhorar a compreensão da realidade” (ZANCHETTI e DALLACOSTA, 2015, p. 147).

Assim, tendo em vista a situação atual da educação no Brasil, é perceptivo a necessidade de mudanças em seu modo de fazer educação, principalmente quando se refere o trabalho do professor em sala de aula, pois o que se percebe, é uma educação ainda individualista, a qual passa a gerar uma estrutura fragmentada e reducionista no que diz respeito ao aprendizado. É importante salientar o valor que deverá ser dado a uma prática humanizada e integrada na intervenção dirigida ao aluno, bem como um olhar ampliado em suas múltiplas dimensões, buscando um

viés de trabalho unificado, onde os saberes possam interagir entre si na perspectiva de ações integradoras e contextualizadas.

O professor precisa repensar nas suas estratégias de ensino para não ficar preso ao espaço delimitado na sala de aula, faz-se necessário repensar nas práticas pedagógicas até mesmo numa nova gestão da classe, porque ainda é muito forte a ideia de controle, principalmente quando se fala em delimitação de espaço físico. É de grande importância pensar não só no ambiente, como também no acesso e permanência nesse espaço como um todo, seja na escola como prédio ou até mesmo nas mesas e cadeiras, sempre utilizando os meios ofertados pela instituição (SILVA E ARRUDA, 2014), p.7).

Neste sentido, percebe-se o quanto ainda é desafiador para o profissional professor desenvolver sua prática profissional dentro de um contexto que muitas das vezes ele não foi preparado para trabalhar, pois o que ainda se percebe, são profissionais que pensam ou desempenham suas funções dentro de um espaço “fechado”.

Para uma educação de qualidade é necessário uma formação sólida e contínua para que aconteça uma progressão continuada, e uma reflexão sobre as suas práticas pedagógicas. Com certeza o que deixa o professor mais preocupado seja a sua inexperience, precisa repensar seus planos para que não fique preso na questão do espaço físico ou na sala de aula, procurando criar situações que envolvam essas crianças utilizando materiais e meios de recursos ofertados pela instituição (SILVA e ARRUDA, 2014, p. 28).

Em consonância com este assunto, nota-se, portanto, o quanto é de fundamental importância desmistificar toda e qualquer ação que não esteja na lógica da integralidade, onde também é de fundamental importância perceber cada aluno em um contexto de ações éticas e contextualizadas.

No tocante a este assunto, dentro do contexto da educação, tais ações não devem ser diferentes, pois é necessário que se tenha a integração de outras áreas do conhecimento frente às demandas e queixas cotidianamente apresentada pelos os alunos. Com essa visão mais integrativa, pode-se pensar em uma prática mais acolhedora, onde seja priorizada a integralidade do aluno, visando suas condições dentro de um processo biopsicossocial e não de “enquadramento”, onde as ações estão voltadas para a padronização do indivíduo.

A transmissão de saberes e conhecimentos são inerentes a todas as sociedades humanas, sendo que os modos de aprender e ensinar são culturalmente situados. Em cada cultura, em cada sociedade, a dimensão

do ensinar e do aprender assume conotações e proporções diferentes e, reinventam-se/atualizam-se com o passar dos tempos. Para além do modo de ensinar e aprender determinado pela modernidade ocidental e hegemônica da qual estamos embevecidos, há culturas diversas e marginalizadas que constituem grandes esforços no sentido de conservar suas especificidades e manter viva a sua identidade cultural através da educação (ROSA, 2013, p. 123).

Neste contexto, é de fundamental importância um trabalho multidisciplinar onde cada saber possa contribuir na perspectiva de resolução das demandas comumente apresentadas no cotidiano dos alunos, seja por questão de demandas externas ou mesmo interna.

Pensando dessa forma, o trabalho multidisciplinar surge para transformar os paradigmas e desconstruir as práticas de atuação que padroniza o sujeito, seja por parte do professor, ou até mesmo por outro profissional, família ou sociedade.

Dentro desta visão integralizada do desenvolvimento do trabalho, é possível superar a fragmentação do conhecimento e da individualidade no desempenho da função. Para que aconteça de fato, é necessário desconstruir qualquer forma de trabalho que seja no âmbito individual e egocêntrico, e procurar integralizar em uma prática mais intercalada, onde cada especificidade possa estar contribuindo com seu saber na perspectiva de resoluções de demandas.

O conhecimento ampliado torna-se relevante, quando é notado dentro de uma rede de ações integralizadas, o que torna essencial para o desenvolvimento pleno para resoluções das queixas e demandas comumente apresentadas no cenário cotidiano das escolas.

É também importante que essa formação não seja voltada apenas para os professores, como também para todos os profissionais da área da educação na escola, onde os centros de apoio, por sua vez, também farão o seu papel, disponibilizando profissionais especialistas, como fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, psicopedagogo, psicólogo, entre outros (SILVA e ARRUDA, 2014, p. 8).

Pensando dessa forma, nota-se também, que quanto mais a pessoa se capacita, mas ela está apta para exercer determinada função, pois é preciso entender que para um bom desempenho da função, faz-se necessário que o profissional esteja atualizado nas informações e técnicas de intervenções para com esse grupo social citado neste trabalho, e que os mesmos sejam atendidos de maneira holística.

Para que se ofereça uma qualidade de vida melhor é necessário oferecer não só a prática pedagógica, mas atender à necessidade de cada um em ambientes integrados, que ofereçam suporte a essas pessoas, os professores precisam ser capacitados para desenvolver melhor suas habilidades profissionais. Ainda falta muito para que esse trabalho seja concluído com êxito, o que devemos levar em conta é que todos devem estar dispostos a participar de cursos de formação continuada e repensar a sua prática pedagógica mesmo quando ainda não se têm essa prática (SILVA e ARRUDA, 2014, p. 9).

Assim, fica evidente o quanto o profissional professor tem um papel fundamental na sociedade, bem como na formação intelectual do aluno, é por meio do professor que todas as outras profissões são formadas, sem ele não há educação e sem educação não se tem uma sociedade desenvolvida. Que possamos entender esse processo e a partir desse entendimento possibilitar uma valorização maior desses profissionais que são de extrema importância para a sociedade como um todo.

Diante do exposto, outro ponto a destacar é a dificuldade que muitos professores passam em sala de aula, muitos por não ter tido uma formação adequada, terminam repercutindo a sua má formação diante de uma intervenção fragmentada e reducionista.

Sobre este assunto, segundo Cruz, et al (2018, p.3),

“[...] é importante à articulação entre a teoria e prática, pois a dissociação entre o que se é descoberto em universidades e a prática real nas escolas prejudicam os interesses sociais. Assim, a teoria deve ser disponibilizada e/ou divulgadas no meio educacional de forma a atingir os reais destinatários que são objetos de pesquisa do meio acadêmico, o foco real da problematização, que é a educação como um todo”.

Como forma de minimizar essa problemática, os autores supracitados comentam ainda que não se pode justificar as dificuldades apresentadas e a escassez de métodos e técnicas encontradas no cotidiano das escolas. É necessário que haja intervenções mais diretas, e uma formação mais adequada.

Em uma visão detalhada, sobre a formação docente, observamos as dificuldades oriundas do contexto educacional em pleno século XXI. Os professores necessitam de tempo para que possam estudar e atualizar-se profissionalmente, mas a realidade posta pela contemporaneidade dificulta essa ação. A realidade dos professores em nossa sociedade requer atenção, pois, muitos professores exercem a profissão docente em muitas escolas, com carga horária excessiva o que compromete a qualidade de tempo para a dedicação na própria formação. Somado a isso a falta de recursos financeiros para o investimento na própria atualização torna-se mais um fator impeditivo dessa prática (CRUZ, et al, 2018, p. 3).

“[...] é necessário um olhar mais atento à formação dos docentes, pois para se ensinar na atualidade é necessária a adequação aos parâmetros tecnológicos e exigentes do mundo contemporâneo” (CRUZ, et al, 2018, p.3).

Uma das formas de contornar esse problema é a formação continuada em plataformas de ensino à distância, já que, essas plataformas tecnológicas, ou modalidade de ensino, tendem a auxiliar na articulação espaço e tempo, assim como permitem a adequação e otimização às necessidades desses profissionais. Além de possuir custos de investimentos menos acentuados que as demais formações (CRUZ, et al, p. 3).

Assim, fica evidente o quanto é de suma importância uma formação adequada do profissional da educação, bem como ações unificadas e articuladas dirigidas aos alunos. Outro ponto a destacar, é que não se faz educação sem que tenha ensino que visa o todo, ou seja, é necessário que se perceba o aluno de maneira holística e integradora, onde o âmbito social, econômico, cultural, racial, também deve ser levado em conta, para que assim, o aluno seja percebido de maneira integralizada diante de suas dificuldades que cotidianamente são apresentadas dentro e fora da sala de aula.

4. O PAPEL DO PROFESSOR NO CONTEXTO ESCOLAR

O papel do professor no contexto escolar é de suma importância, pois é por meio dos seus ensinamentos, que outras profissões são formadas. Neste sentido, também não devemos esquecer, o quanto essa categoria é desvalorizada, onde não é pago o valor justo para o desempenho de suas funções.

Sem dúvida, o professor além de ser educador e transmissor de conhecimento, deve atuar, ao mesmo tempo, como mediador. Ou seja, o professor deve se colocar como ponte entre o estudante e o conhecimento para que, dessa forma, o aluno aprenda a “pensar” e a questionar por si mesmo e não mais receba passivamente as informações como se fosse um depósito do educador. Percebemos então, que em relação à educação, o docente tem nas mãos a responsabilidade de agir como sujeito em meio ao mundo e de ensinar para seus educandos o conhecimento acumulado historicamente, dando-lhes a oportunidade de também atuarem como protagonistas na sociedade (BULGRAEN, 2010, p. 31).

Em consonância a este assunto e diante da conjuntura social, econômica e política em que vivemos, nota-se o quanto é de suma importância o papel do profissional da educação neste contexto, visto que, é por meio da educação que a

população se desenvolve, bem como a sociedade.

A função do professor teve início no Brasil na primeira metade do século XIX, começou com os homens tanto no ensino particular, de caráter religioso e até mesmo no ensino primário. Dados de uma pesquisa realizada em 2003 pelo Ministério do Trabalho e Educação, relata que 98,5% dos professores de educação infantil são mulheres, já nas quatro primeiras séries do fundamental esse número cai para 85%, mas ainda é muito maior referente ao número de homens. A partir da década de 1960 é que as mulheres chegam às escolas nas condições de estudante, e depois de muitas conquistas nas condições de docente (SILVA e ARRUDA, 2014, p. 3).

Ainda referente a este assunto, os autores supracitados comentam ainda que,

É importante pensar no professor como agente transmissor de conhecimento que respeita as diferenças, e que cada aluno reage de acordo com a sua personalidade, seu estilo de aprendizagem, sua experiência pessoal e profissional, entre outras (SILVA e ARRUDA, 2014, p. 7).

Referente a este assunto, Bulgraen (2010), comenta que é a intervenção e o papel do professor consiste na prática de educar, por meio de suas orientações, intervenções e mediações, ele consegue desenvolver e instigar o aluno a pensar de maneira crítica e reflexiva, bem como se colocando como sujeitos do seu próprio aprendizado.

Pensando dessa maneira, possibilitamos ao aluno um ambiente favorável para o seu pleno desenvolvimento, bem como a construção social para a sua formação. Já foi mencionado neste escrito, o quanto a sociedade, família, e escola tem um papel fundamental na formação do aluno, onde o mesmo irá desenvolver suas habilidades de maneira crítica e reflexiva, bem como de forma plena.

É exatamente nesse sentido que devemos considerar as experiências sociais acumuladas de cada aluno e seu contexto social, de modo a construir a partir daí, um ambiente escolar acolhedor em que o aluno se sinta parte do todo e esteja totalmente aberto a novas aprendizagens (BULGRAEN, 2010, p. 33).

Segundo Bulgraen (2010, p. 33), é através da problematização desse “social” que o conhecimento começa a ser construído individualmente e socializado através da mediação do professor.

Desse modo, percebemos uma interrelação entre dois momentos do processo de ensino – transmissão e assimilação ativa – que supõe o confronto entre os conteúdos sistematizados, trazidos pelo professor, e a experiência sócio-cultural do aluno e por suas forças cognoscitivas, enfrentando as situações escolares de aprendizagem por meio da orientação do professor (BULGRAEN, 2010, p. 35).

Ainda sobre o que está sendo dito, o autor comenta ainda que por meio da formação que a educação possibilita, o sujeito passa a ser autônomo e produtivo, é nesse ponto que a educação deve se destacar. Outro ponto a ser destacado é em relação à reciprocidade em que deve haver entre professor e aluno, de modo em que ambos possa inserir-se de maneira crítica e reflexiva no processo histórico e social (BULGRAEN, 2010).

Assim sendo, na relação de ensino estabelecida na sala de aula, o professor precisa ter o entendimento de que ensinar não é simplesmente transferir conhecimento, mas, ao contrário, é possibilitar ao aluno momentos de reelaboração do saber dividido, permitindo o seu acesso crítico a esses saberes e contribuindo para sua atuação como ser ativo e crítico no processo históricocultural da sociedade. De fato, este é o verdadeiro papel do professor mediador que almeja através da sua ação pedagógica ensinar os conhecimentos construídos e elaborados pela humanidade ao longo da história e assim contribuir na formação de uma sociedade pensante (BULGRAEN, 2010, p. 37).

Assim, fica evidente que o professor é um articulador de ideias, onde possibilita ao aluno condições para o seu desenvolvimento, bem como aprendizado. Esse processo é uma via de mão dupla, onde tanto o professor como o aluno tem papel fundamental no ensino, desenvolvimento, e aprendizado, cabendo a cada um a responsabilidade nessa tarefa e na construção educacional e social que visa não só a realização pessoal, mas social, econômica e política.

Sobre este assunto, na concepção de Sasseron e Duschl, (2016, p. 53),

Percebemos que ao professor cabem as funções de articular conhecimentos com as propostas pedagógicas da instituição escolar, mas cabe a ele também o papel de buscar articulações entre o que propõe e realiza em sala de aula com aspectos da comunidade que frequenta aquela escola. Com isso, duas principais observações são ressaltadas: o professor é responsável por articular ações técnicas para cumprir o plano de trabalho, por exemplo, ao mesmo tempo em que deve estar consciente de aspectos pedagógicos e educacionais da sua instituição, contribuindo para a formação ampla e geral de seus estudantes; pode-se perceber também que o professor é responsável por fazer com que os estudantes tenham contato com conhecimentos conceituais e a forma como as disciplinas os entendem e, ao mesmo tempo, ele é responsável por coordenar e incentivar contatos sociais e

culturais dos estudantes entre si e com conhecimentos, promovendo a educação, aqui sempre entendida como processo de socialização e de enculturação.

Assim, destacamos a relevância do papel do professor no contexto escolar, bem como todo o seu profissionalismo em possibilitar condições para o desenvolvimento pessoal e social do aluno.

5. METODOLOGIA

Como metodologia, foi utilizada a revisão da literatura, onde foram utilizados artigos referentes ao tema em questão, tendo como base de dados a Scientific Eletronic Library Online (SciELO®) e Google Acadêmico®, por serem ferramentas de pesquisa e publicações gratuitas.

Como critério de inclusão foi utilizado os estudos referentes ao tema que estavam integralmente disponíveis para o acesso público, todos em língua Portuguesa Brasileira. Já como critérios de exclusão foram excluídos os artigos que não abordam a temática, bem como os artigos em língua estrangeira, ao todo foram selecionados nove literaturas. Este trabalho tem como descritores: Escola, aprendizado, linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante análise dos autores citados neste trabalho, nota-se o quanto é de suma importância o trabalho do profissional da educação, bem como o seu papel diante da sociedade. Neste sentido, nota-se também o quanto carece ser bem mais valorizado o professor, pois é por meio dele que temos uma população desenvolvida. Neste sentido, estamos acostumados a ouvir que a principal responsabilidade da escola é a educação. A escola, antes de tudo, existe com a finalidade de inserir as crianças em um círculo social, onde estão, obedecerão a regras, criarão rotinas e passarão a conviver com outras crianças que antes faziam ou não parte do seu convívio social.

Outro fator importante da escola e preciso aqui citar, é que um dos papéis mais importantes da escola, é o de transferir o conhecimento e passar os conceitos básicos da vida em sociedade. Ao falarmos sobre a língua falada no Brasil, e isso insere-se no contexto escolar brasileiro, precisamos primeiramente entender que a língua não é homogênea, mas repleta de variações linguísticas, presentes nas diferentes formas de se falar o Português em território nacional.

Ao falarmos em linguagem, não podemos de forma alguma deixar de relaciona-la com a sociedade, pois é a relação entre ambas que irá estabelecer o ser humano. Desde então, a humanidade se organiza em sociedade, e segundo os linguistas, essa humanidade possui um código, uma comunicação oral que seria a língua de cada falante.

Assim, as línguas desde então, são heranças históricas e passam de geração para geração e suas variações estão relacionadas com vários fatores como: faixa etária, grau de escolaridade, aspectos sociais, econômicos e culturais, por exemplo. Com todas as variações linguísticas presentes no Brasil e é importante mencionar que é preciso respeitá-las, constituir um domínio da nossa cultura e tradição, a escola tem um papel relevante.

Outro ponto que torna-se de suma importância destacar, é que o professor precisa se posicionar frente aos desafios enfrentados nessa prática, visando a diminuição do preconceito e da exclusão. Fica aqui perceptível toda a responsabilidade da escola, na figura do docente em ensinar a língua materna, levando em consideração essa norma obrigatória, mas com o olhar atento para as variações linguísticas presentes no contexto escolar.

Em consonância ao que está sendo dito, não podemos negar o papel fundamental que o professor exerce na sociedade, é por meio dos seus ensinamentos, que outros profissionais são formados. Assim, também fica evidente que esta categoria ainda é desvalorizada no desempenho de suas funções, onde são pagos valores salariais a baixo do que eles e elas merecem receber.

Referente a este assunto, e como parte integrante neste escrito, destaco também que não há ações articuladas e unificadas sem a junção de outros saberes, é por meio do trabalho multidisciplinar que o aluno poderá ser percebido como um todo, bem como suas demandas será resolvida de maneira holística.

Assim, esse trabalho é de suma importância para o contexto social, e acadêmico, bem como para os profissionais da educação, dentre outros profissionais,

pois visa esclarecer a particularidade tão presente no contexto educacional que é a variação linguística.

REFERÊNCIAS

BULGRAEN, Vanessa. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Revista Conteúdo**, Capivari, v.1, n.4, ago./dez. 2010. Disponível em: http://www.moodle.cpscetec.com.br/capacitacaopos/mstech/pdf/d3/aula04/FOP_d03_a04_t07b.pdf, acesso em: 12/10/2021.

CAMACHO, J.G. Sociolinguística. In: **Introdução à linguística**: Domínios e fronteiras, v. 1/ Fernanda Mussalim, Ana Christina Bentes (orgs.) – 8. Ed – São Paulo: Cortez, p. 49-75, 2008.

CRUZ, José, et al. Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar. **Rev. Int. de Form. de Professores (RIFP)**, Itapetininga, v. 3, n.1, p. 99-108, jan./mar., 2018. Disponível em: <https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/RIFP/article/view/941/861>, acesso em: 14/10/2021.

REZENDE, Fernanda, LIMA, Giselly. A variação linguística no contexto escolar brasileiro. **Revista caminhos em linguística aplicada**, Volume 18, Número 1, 1º sem 2018. Disponível em: <http://periodicos.unitau.br/ojs/index.php/caminhoslinguistica/article/view/2356/1762>, acesso em: 12/10/2021.

ROSA, Gilnei. Ensinar e aprender no contexto escolar indígena: ou sobre o papel do professor e do aluno, **ÁGORA Revista Eletrônica**, 2013. Disponível em: http://agora.ceedo.com.br/ojs/index.php/AGORA_Revista_Eletronica/article/view/65/92, acesso em: 12/10/2021.

SASSERON, Lúcia, DUSCHI, Richard. Ensino de ciências e as práticas epistêmicas: o papel do professor e o engajamento dos estudantes. **Investigações em Ensino de Ciências** – V21(2), pp. 52-67, 2016. Disponível em: <https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/ienci/article/view/19/189>, acesso em: 12/10/2021.

SANTOS, Daiane, SANTANA, Flávio. Variação linguística no contexto escolar: desafios do professor no ensino de gramática. **Revista cadernos de estudos e pesquisa na educação básica**, Recife, 2017. Acesso em: 12/10/2021.

SILVA, Ana, ARRUDA, Aparecida. O Papel do Professor Diante da Inclusão Escolar

Revista Eletrônica Saberes da Educação, 2014. Disponível em: http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Ana_Paula.pdf, acesso em: 12/10/2021.

SOUZA, Tatiane, et al. A variação linguística no contexto escolar. **Cadernos do CNLF**, vol. XXI, n. 3. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2017. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xxi_cnlf/cnlftomo2/0112.pdf, acesso em: 12/10/2021.

ZANCHETTI, Sabrina, DALLACOSTA, Sabrina. Percepção do profissional da saúde sobre a importância do trabalho multiprofissional e interdisciplinar na atenção básica. **RIES**, ISSN 2238-832X, Caçador, v.4, nº 2, p. 145-153, 2015. Disponível em: <http://45.238.172.12/index.php/ries/article/view/712/387>, acesso em: 12/10/2021.